



Resenhas

No desassossego da anarquia: Sakae Osugi

LUÍZA UEHARA

Sakae Osugi. *My escapes from Japan*. Tradução de Michael Schauerte. Shibuya, Doyosha, 2014, 168 pp.

Michel Foucault, ao visitar o Japão e iniciar-se na prática Zen Budista, observou como os japoneses assimilaram tecnologias ocidentais – tanto de governo como de maquinarias – e, simultaneamente, mantiveram e fortaleceram uma série de costumes anteriores à abertura dos portos.

Manteve-se não somente a devoção ao imperador, as formas de cumprimentos, os termos de subserviência e o extremo respeito às hierarquias, como também, por exemplo, os hábitos alimentares, a inesgotável paciência para realizar algumas ações e a extrema concentração.

O anarquista japonês Sakae Osugi – avesso à subserviência e à adulação do tradicionalismo japonês que fora instruído a ter –, ao fazer a viagem inversa à de Foucault, pôde ver a diferença de seus costumes cotidianos em relação aos de Paris: estranhou os banheiros

Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol e doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais na PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com.



franceses, comoveu-se com as moças que dançavam em cabarés e discursou para elas contra a condição da mulher, apaixonou-se por uma bailarina, e descobriu a única bebida alcoólica que não atacava seu estômago e que não o deixava lunático após o primeiro copo: o vinho branco. *My escapes from Japan*, publicado em 1923 em japonês e vertido ao inglês em dezembro de 2014, pela editora japonesa Doyosha, com tradução e introdução de Michael Schauerte, retrata essa viagem e outra a Xangai, na China, a partir de textos já publicados ou que ainda eram inéditos na época. É um escrito que traz contribuições não somente para os anarquismos no Japão, mas também na China e na França, escancarando as práticas internacionalistas dos anarquistas.

O livro é composto por seis artigos. Os dois primeiros – “Escaping Japan” [Escapando do Japão] e “The Toilets of Paris” [Os sanitários de Paris] – foram publicados entre julho e setembro de 1923 na revista *Kaizo*; os dois seguintes – “Prison Song” [Canção da Prisão] e “Prison Until Deportation” [Prisão até a deportação] – saíram no *Tokyo nichinichi simbun* entre junho e julho do mesmo ano. Os textos seguintes – “Assorted Stories of My Trip Overseas” [Variadas histórias da minha viagem no além-mar] e “A Note to My Comrades” [Nota aos meus camaradas] – não chegaram a ser publicados e estavam sendo redigidos exclusivamente para o lançamento do livro.

Osugi não pôde terminar seus escritos, pois foi assassinado pela polícia aos 38 anos de idade. Foi capturado em 16 de setembro de 1923 ao sair da casa de seu irmão junto com sua companheira, Noe Ito, e seu sobrinho de seis anos. Quando chegaram à delegacia,



No desassossego da anarquia: Sakae Osugi

foram espancados e tiveram suas costelas esmagadas a mando do policial Masahiko Amasaku. Os corpos dos três foram jogados em meio a destroços de um grande terremoto que havia atingido o país dias antes. O irmão que Osugi foi visitar antes de sua morte era pai de Yutaka Osugi, autor do posfácio para a edição em inglês de *My escapes*.

Logo após o assassinato de Osugi, seu amigo Kenji Kondo considerou vital que o livro fosse publicado. Nada foi alterado e os textos incompletos foram incorporados. Kondo, que em 1946 foi secretário-geral da recém-fundada Liga Anarquista Japonesa, havia trabalhado com Osugi no jornal *Rodo Undo* [O movimento operário], um dos principais jornais socialistas japoneses, e era funcionário da editora ARS (do latim “arte”), que publicou o livro. No posfácio de 1923, escrito por Kondo ao lado das cinzas de seu amigo, conta que foi correndo à casa de Osugi para pegar os artigos incompletos que faltavam para publicar o livro e lembrou que seu amigo acreditava serem necessários apenas mais três dias para finalizar os escritos.

O livro, cortado por *fusejis* (marcas da censura em formato de “Xs” colocadas no lugar de certos ideogramas deletados das frases), mostra a vida de um anarquista que, mesmo diante de inúmeras perseguições, jamais se deteve diante de qualquer fronteira ou muro. Osugi foi um anarquista marcado pela prisão. Em 1919, escreveu *Gaguchuki* [A vida na prisão], posteriormente republicado em sua autobiografia – traduzida para o português a partir da versão em inglês e publicada pela editora Conrad como *Memórias de um anarquista japonês* (2002) –, onde escreve sobre o período em que ficou encarcerado, entre 1906 e 1910. Entretanto, *My Escapes* não se detém à vida



na prisão japonesa, mas mostra a coragem de Osugi em romper com a vigilância a que fora condenado, sua fuga para ir a um encontro em Xangai e, mais tarde, sua outra fuga para ir a um encontro anarquista em Berlin.

Osugi era um nome corrente entre os anarquistas e os socialistas, com quem teve uma série de confrontos. Por volta de 1915, mantinha uma relação livre com Yasuko Hori e as duas anarco-feministas Ichiko Kamichika e Noe Ito. Estampado em capas de jornais e revistas, Osugi era considerado infiel e manipulador. Os socialistas o consideravam imoral e seus escritos passaram a ser vetados nos jornais. Somente anos depois, por conta da fundação do Partido Comunista Japonês, os socialistas restabelecem o contato com Osugi convidando-o a se filiar, solicitação a que respondeu com um categórico não.

Mesmo diante desse ocorrido, provavelmente influenciado pela vontade de aumentar os movimentos de contestação na sociedade japonesa, Osugi acreditava que anarquistas e socialistas deveriam trabalhar juntos. Pretendendo expor essa ideia, foi a Xangai em 1920 para a Conferência Socialista do Extremo Oriente, experiência que o levou a romper definitivamente com os socialistas. Recebeu uma proposta de financiamento de um novo jornal pelos socialistas chineses, porém, da mesma forma que as *fusejis* do governo japonês, os socialistas selecionariam o que seria ou não publicado. Tal ofensa e a recusa de Osugi a qualquer outro acordo fizeram com que ele recebesse apenas uma ajuda de custo para seu retorno, com o argumento, por parte dos socialistas, de que estavam sem dinheiro no momento. A partir de então, Osugi passou a considerar os socialistas como vigaristas e a entender o que era a ditadura do proletariado, sendo



No desassossego da anarquia: Sakae Osugi

impossível comunistas e anarquistas trabalharem juntos, ou um anarquista se articular com qualquer partido. Isso atravessa seus escritos de 1922, publicados mensalmente no jornal *Rodo Undo*, onde mostrava como a URSS perseguia os anarquistas.

Naquele momento, socialistas e anarquistas tentavam estabelecer uma Confederação Nacional dos Trabalhadores no país e disputavam o modelo de organização a ser adotado: centralizado ou autogestão. Foi neste período de forte discussão no interior do movimento operário japonês que chegou uma carta de Paris de André Colomer, o então editor do periódico anarquista *Le Libertaire*, fundado por Sébastien Faure e Louise Michel em 1895. Colomer convidava Osugi para um encontro em Berlim para fundar uma Liga Anarquista Internacional, que já estava sendo discutida desde 1907, quando o anarquista japonês Shusui Kotoku participou de reuniões em Amsterdã. Osugi teve de fugir de sua casa que estava em constante vigilância. Despediu-se de sua filha Mako de apenas 4 anos de idade que, desde pequena, recusava-se a contar para a polícia o paradeiro de seu pai, e partiu para Xangai, onde embarcaria em outro navio rumo à França para depois ir à Alemanha. Novamente em Xangai, Osugi não pôde ficar nos hotéis em que esteve anos antes, pois os socialistas haviam passado todos os seus dados para a polícia. Lá, encontrou-se com anarquistas que lhe conseguiram um passaporte falso para entrar na França.

A França vivia um período de retaliação aos anarquistas desde a Comuna de Paris, de 1871, respondida com as ações anarcoterroristas de Ravachol, Émile Henry e Vaillant. As chamadas “leis celeradas” que imperavam no país ainda identificavam qualquer associação anarquista e qualquer



anarquista como terrorista. Diante dessa repressão, Osugi tomou parte no Primeiro de Maio de 1923. Em Saint-Denis, perplexo com um ato que estava restrito ao prédio da Confederação Geral do Trabalho (CGT) e não tomava as ruas, proferiu um discurso de trinta minutos sobre a data no Japão: “A história do Primeiro de Maio no Japão é recente (...). E poucos trabalhadores participam ainda. Mas todos os trabalhadores japoneses conhecem o Primeiro de Maio. Ele não é celebrado nas periferias de Tóquio, mas no centro da cidade. E isso não ocorre em um prédio, com discursos prontos, mas do lado de fora, com manifestações nos parques e nas praças. Primeiro de Maio no Japão não é um tipo de festival” (p. 86). Ao terminar, foi ovacionado. E, ao descer do palco, foi abordado covardemente por inúmeros policiais à paisana incomodados com os efeitos de suas palavras. Mulheres tentaram impedir que fosse preso, mas rapidamente o chinês – como identificava seu passaporte falso – foi levado à delegacia para ser interrogado. Em algumas horas a polícia descobriu a verdadeira identidade de Osugi.

No dia seguinte, o jornal socialista *L'Humanité*, que Osugi repudiava por conta de seus escritos que ordenavam como deveria ser uma manifestação civilizada e sem provocações, publicou um artigo em que exigia a soltura do companheiro japonês. Entretanto, ao descobrirem que o japonês era o anarquista Sakae Osugi, nada mais foi publicado, nem sobre suas condições na prisão e nem sobre o seu processo de deportação.

Osugi não conseguiu chegar ao encontro que ocorreria na Alemanha. Quando desembarcou no Japão, não conseguiu distribuir todos os presentes que havia adquirido em sua viagem e, em alguns meses, foi assassinado. As



memórias de Osugi trazem apenas um arrependimento: não ter levado sua filha Mako na viagem.

Em artigo publicado em *verve* 27, Christian Ferrer afirmou que os anarquistas não deixaram rastros para serem farejados ou seguidos, deixaram marcas, acontecimentos, ebulições. A existência de Sakae Osugi deixou sua marca. Livre de muros ou fronteiras, não almejou tornar-se um exemplo a ser seguido. Traçou um percurso errante e furou a sólida obediência oriental. Diante de inúmeros acordos, concessões, consentimentos e permissões, a atualidade de Osugi está em sua inquietação mesmo diante de revolucionários, socialistas ou anarquistas. É preciso desassossego para provocar essas ebulições e não fincar raízes para permanecer errante.

anarquia aqui e agora

ACÁCIO AUGUSTO

Oswaldo Escribano. *Siglo y médio de anarquismo. De la Comuna de Paris a las insurrecciones antiglobalización*. Ediciones del Parral: Montevideo, 2014, 142 pp.

Desde a emergência do movimento antiglobalização, assistimos em todo o planeta a um interesse crescente e gradual em relação à anarquia e aos anarquismos. Suas

Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, deoutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e pós-doutorando no Núcleo de Estudos Urbanos e Socioambientais da Universidade de Vila Velha. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br

